

## Água, fonte de vida

D. Demétrio Valentini\*

Continua repercutindo o tema da Campanha da Fraternidade de 2004, sobre a água.

Com a deste ano, já foram quarenta edições desta iniciativa, que é da CNBB, mas que já foi assumida pela própria sociedade brasileira. Nunca um tema da Campanha da Fraternidade teve tanta acolhida como o deste ano. O seu lema – *água, fonte de vida*, foi aparecendo por toda a parte, e foi criando um consenso favorável que agora precisa ser valorizado e levado adiante.

Esta acolhida extraordinária se deve, em primeiro lugar, ao acerto do tema e à sua oportunidade. Num ano em que, por exemplo, as represas que fornecem água para a grande São Paulo nunca estiveram tão baixas, nada mais oportuno do que este alerta sobre a preciosidade da água e sobre a urgência de garanti-la de maneira suficiente.

Mas a pronta adesão a este tema se deve também ao fato de com ele se completar uma convergência de iniciativas, que foram aos poucos despertando a sociedade brasileira para a consciência ecológica. Nunca é demais ressaltar o processo lento e persistente que se requer, para que um povo assimile valores importantes e os coloque em suas atitudes concretas.

Já em 1979 a Campanha da Fraternidade da CNBB tinha apresentado um tema muito simpático, com nítidos contornos ecológicos. Seu lema era: “*Preserve o que é de todos*”.

Com a realização no Rio de Janeiro da conferência das Nações Unidas sobre a ecologia, em 1992, o tema foi se adensando, com os diversos desdobramentos que ele suscitou.

Este contexto histórico foi criando o ambiente favorável, que encontrou na água uma síntese das preocupações ecológicas, dada a importância da água para a vida.

Nisto contribuiu também a expectativa suscitada em torno das últimas pesquisas espaciais, que buscam encontrar resquícios de água em outros planetas. Tudo porque a condição mais fundamental para o desabrochar da vida é água.

Se quiséssemos elencar os diversos aspectos embutidos no tema da água, poderíamos encontrar a seguinte seqüência:

- em primeiro lugar, a água se apresenta como um dom da natureza, que precisa ser respeitado. O respeito pela natureza é uma das primeiras atitudes que a ecologia vai nos ensinando.

- Mas este respeito, que instintivamente é despertado em nós pela preciosidade da natureza, requer de nossa parte uma atitude positiva, de solicitude, de preocupação, de cuidado. A ecologia nos convida para cuidar da natureza.

- Outro aspecto que fica mais evidente quando olhamos para a água, se refere aos limites da natureza. Ela não é inesgotável. Os recursos naturais são limitados. Tanto mais precisamos saber preservá-los.

- Por ser indispensável à vida, a água aparece como um direito de todos os viventes. Daí se chega ao conceito da destinação pública dos bens fundamentais da natureza. A dimensão de “público”, tão importante para balizar critérios de atuação política, emerge com evidência da consideração responsável dos bens da natureza. Esta dimensão coloca com força uma reivindicação que a Campanha da Fraternidade deste ano suscitou de muitas maneiras, urgindo que a “água não pode ser privatizada”.

- O caráter público da água nos leva diretamente à constatação dos deveres do Estado. O poder público não pode nunca se eximir de suas responsabilidades com a água. Ele precisa garantir sua preservação para disponibilizá-la, em primeiro lugar, para as necessidades vitais da população.

- E por último, o fato do Estado tem obrigações evidentes com a água, não dispensa a cidadania de assumir com força esta causa. Pois é a cidadania que tem a incumbência de urgir que o Estado cumpra suas finalidades constitucionais.

São muitos, portanto, os desdobramentos suscitados pela Campanha da Fraternidade sobre a água. O ambiente favorável a esta causa nos alerta para a importância de que sejam consolidados, e progressivamente integrados em nossa cultura política. ☺

\* Bispo de Joles/SP e membro do Setor Pastoral Social do CNBB



# A luta pela água

Isabel Guimarães\* (tradução livre de trechos do original)

O Petróleo abastece a guerra, mas a luta pela água provavelmente será pior, com Estados competindo por escassos recursos hídricos e companhias encarando-os como uma mercadoria para tirar proveito dos pobres.

De 16 a 23 de março, no terceiro Fórum Mundial da Água, milhares de delegados discutiram se água deve ser um direito humano básico ou uma mercadoria possuída por companhias privadas. Enquanto a maioria dos delegados eram representantes corporativos vestindo a camisa dos interesses na privatização, havia lá também uma isolada presença de movimentos de cunho popular. De qualquer maneira, mesmo com o texto final não tendo podido tirar uma resolução última para essa questão, água já é um negócio de \$400 milhões de dólares.

Conseqüências da privatização da água no hemisfério Sul já podem ser vistas na Argentina, Bolívia e África do Sul onde os preços decolaram e a qualidade despencou. (...) países ocidentais também têm buscado a privatização da água através do WTO General Agreement on Trades in Services (GATS). (...) Uma conseqüência da privatização da água é que o dinheiro tira proveito da escassez.

Em Cochabamba, Terceira maior cidade da Bolívia, a indústria da água era um negócio da Bechtel Corp. O povo sofreu as conseqüências, como preços extremamente elevados.

Após assumir o sistema de água de Cochabamba em 2000, a companhia impôs maciças tarifas crescentes, as quais resultaram em difundidos protestos combatidos por força militar que matou uma pessoa e feriu 175 outras. Enquanto seu CEO Riley Bechtel é o 51º homem mais rico nos EUA (...) Em São Francisco, ativistas pela paz fecharam a Bechtel Corp, na manhã de protesto de 20 de março, no início da guerra no Iraque, devido ao seu papel no complexo industrial norte-americano e seu recente contrato para reconstrução do Iraque após a guerra.

Além disso, o povo na África do Sul tem que conviver com o serviço de água privatizado. Em Orange Town, um assentamento informal com 1.5 milhões de pessoas, ao sul de Johannesburg, com elevada taxa de desemprego, o povo tem que comprar uma cota fixa de créditos de água. Medidores têm sido instalados para prevenir o "uso excessivo" de água. Os serviços de água agora são propriedade da French Company Suez Lyonnaise des Eaux. Esta gigante multinacional também possui o sistema de água de Bergen County, New Jersey e enfrenta protestos lá por vender área preservada para exploradores.

Em 8 de fevereiro, em Orange Farm, a ativista do Fórum Anti-Privatização e do Orange Farm Water Crisis Committee (OWCC), de 61 anos, Emily Nengolo, foi assassinada em sua casa por dois assaltantes desconhecidos em um ataque que parece politicamente motivado.

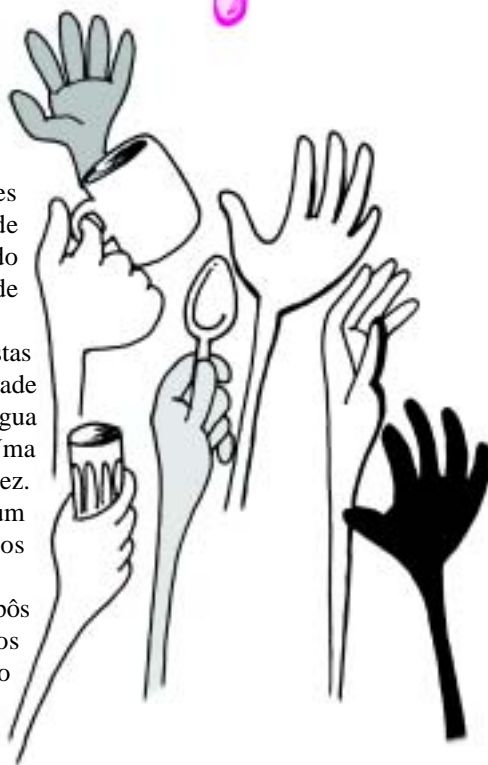
Desde que a África do Sul começou a negociar seus serviços de água, 10 milhões de cidadãos tiveram sua água cortada e dezenas de milhares morreram de cólera e diarreia após serem forçados a confiarem nas águas de rios poluídos.

Também na capital da Argentina, Buenos Aires, o consórcio da primeira região privatizada aumentou os preços, cortou 7.500 empregos e deteriorou o sistema por falta de manutenção. (...)

Uma pessoa vivendo nos EUA usa em média 250 a 300 litros d'água por dia, enquanto a média Somali não chega a 9 litros por dia. Estima-se que 2,7 bilhões de pessoas enfrentarão escassez de água em 2025. Mais que 1.2 bilhão de pessoas atualmente carecem de acesso à água segura e 3 bilhões não têm tratamento sanitário adequado.

Isto lidera as moléstias que matam mais de 5 milhões de pessoas a cada ano, mais de 2 milhões delas crianças com menos de 5 anos que sucumbem à diarreia e doenças relacionadas. Conforme documento das Nações Unidas, as reservas mundiais de água estão secando rapidamente devido às mudanças climáticas e à poluição. ☹

Isabel Guimarães é Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, ensaísta, pesquisadora e professora, trabalha com TV, cultura política, novas tecnologias. O texto foi publicado no elo: [http://www.novae.inf.br/brasiliainpo/guerra\\_agua.htm](http://www.novae.inf.br/brasiliainpo/guerra_agua.htm) e a versão original está disponível no endereço: [http://www.indymedia.org.\(article#308095\)](http://www.indymedia.org.(article#308095))



# Uma história de luta pela água

Entrevistadora: Terezinha Pimenta



A luta em defesa da água ganha a cada dia novos atores. Além das organizações ambientais, já mobiliza sindicatos, associações de moradores e o movimento organizado, de uma forma geral. Foi através da organização e da mobilização que os moradores de Jacarepaguá conseguiram, por exemplo, dar um grito de alerta em defesa do Rio Grande, um dos mais importantes da região. Para conversar sobre esse e outros assuntos, convidamos Olívio Bonna, morador de Jacarepaguá há 40 anos e colaborador do movimento comunitário organizado e Silvia Franchini, cineasta, diretora do documentário O Rio Grande. Eles conversaram com Terezinha Pimenta, do PACS, que mora e atua na região de Jacarepaguá.

### Como surgiu a idéia de se fazer um vídeo sobre o Rio Grande?

**Silvia** - A idéia surgiu a partir de uma inquietação do Olívio: “a gente precisa fazer alguma coisa em relação ao Rio Grande, uma campanha de conscientização”. E aí, como eu fazia (e ainda hoje faço) cinema, puxei a minha sardinha: “vamos fazer um vídeo”. A gente fez o percurso da Pedra Branca, onde o rio nasce e onde ele estaria protegido, e foi descendo até a foz, que é na Lagoa do Marapendi, na Barra da Tijuca. O roteiro destacou três lugares principais na relação do rio com os seus vizinhos: o Parque da Pedra Branca, uma área preservada, a Taquara, onde o rio já é mais ou menos sujo e também onde aconteceu grande parte da tragédia da enchente, em 1996, e a Cidade de Deus, que é onde é a foz, onde desagua tudo.

### Recentemente foi promovido em Jacarepaguá um Festival de Música e Poesia sobre a questão da água. Como foi a participação da comunidade?

**Olívio** - Na verdade o festival teve como tema a questão da água, o valor da água. Eu apostava muito que o pessoal, até por ser da região, ia focalizar muito o Rio Grande. Só que não aconteceu isso, eles colocaram de um modo geral, no nível nacional, ou mundial.

**Silvia** - Sabe aquele dito popular, que você só lembra quando você perde? Então, o rio está sempre ali, a água está sempre ali. Você abre a torneira, tem água; quando falta água é que você lembra o que está acontecendo. Então, o Rio Grande foi mais ou menos isso. Jacarepaguá tem uma bacia hidrográfica muito rica, que você podia não só falar do Rio Grande como de qualquer outro rio. O pessoal fala mais globalmente porque não vê o próprio quintal. Então, é uma falta de sensibilização mesmo daquilo que está do teu lado. Só vai se sensibilizar quando aparece, em Paris, o rio Sena poluído, ‘ah, que coisa triste’. Localmente, há realmente um pouco caso em relação à água. E a tendência no Rio de Janeiro, pelo histórico, depois que o rio fica muito podre, é colocar um cimento, e aí tampa definitivamente. Você não vê mais o problema.

### A luta pela questão da água em Jacarepaguá já é antiga. Como foi a mobilização contra a privatização da Cedae, em novembro 2000?

**Olívio** –Teve a questão do emissário submarino na Barra. Na verdade era nada mais, nada menos do que um projeto de saneamento da bacia de Jacarepaguá. Já veio muita grana, mas na hora de botar em prática, não se coloca. Mostram o projeto pra você, um projeto belíssimo, está perfeito. Na hora de colocar em prática a gente vai ver que a coisa é bem diferente. Então o movimento organizado corre atrás do prejuízo. E foi exatamente isso que aconteceu nessa audiência pública, realizada no Rio Centro, na qual eles iam empurrar pela goela da gente abaixo um projeto que apresentaram. Já estavam aprovando em audiência pública uma coisa que não era nada daquilo que foi combinado com as comunidades e o movimento organizado. Para entrar lá dentro para impedir, tivemos que entrar na marra. Mas como eles não aprovaram deu tempo de entrar com uma liminar contra essa audiência. E até hoje a coisa está aí... Não se fez nada, a coisa está rolando, o saneamento começou, parou, ninguém sabe... Agora é época de eleição, capaz deles darem uma arrancadazinha. Mas não é a questão do local, Jacarepaguá etc., é uma política generalizada, é no Estado do Rio todo.

### Qual a importância da mobilização da comunidade na luta pela água e por outros direitos?

**Olívio** – Uma das coisas que eles fazem agora, quando é obra volumosa, porque é obrigado por lei, é convocar audiência pública. Eles são obrigados a colocar na imprensa, e por mais que botem lá no cantinho sempre tem um curioso que descobre. E aí é uma facilidade de se mobilizar, quando é uma coisa que interessa a todo mundo. O problema também é que as comunidades não têm tempo de se sentar e fazer pequenos projetos pra encaminhar à Câmara de Vereadores, pra breicar isso, fazer emenda. A gente tem vereador que faz isso, faz isso muito bem, por sinal. Mas a gente não consegue alimentar esses parlamentares por causa da nossa vida, do dia a dia, porque está difícil de se viver hoje, a gente tem que trabalhar...

**O Rio Grande**, documentário com direção e edição de Sílvia Franchin e argumento de Olívio Bonna. Realizado pelo Curso de Cinema e Vídeo do Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF e do Fórum Mobilizador para a Cidadania Ativa. Informações: (21) 3432 8888 ou franchin@domain.com.br

### **Fórum Social das Américas**

Mais de 500 organizações, de 43 países, – entre elas o PACS - estarão participando do Fórum Social Américas, que acontece entre 25 a 30 de julho, em Quito, Equador. O evento pretende abordar os alcances e especificidades regionais da globalização e abrir espaços para troca de experiências e construção coletiva de alternativas diante do neoliberalismo e do militarismo. Destaque para a presença de representantes dos povos indígenas e de afrodescendentes, contribuindo ainda mais para que os participantes compartilhem a diversidade e a riqueza cultural do continente. Detalhes sobre a programação e mais informações: [www.forosocialamericas.org](http://www.forosocialamericas.org)

### **Centro de Documentação**

O PACS vem acumulando desde a sua criação, em 1986, um acervo rico de obras relativas ao exercício de suas atividades e que retratam a sua inserção nos movimentos sociais, no panorama político e econômico nacional e internacional. Além de livros, boletins, jornais e revistas especializadas, o acervo conta também com material áudio-visual (CDs, vídeos). Atualmente estamos organizando um Centro de Documentação especializado em Economia Solidária que em breve será aberto ao público em geral para consultas. Qualquer informação sobre o acervo entrar em contato com o PACS (Hermila Figueiredo: [hermila@pacs.org.br](mailto:hermila@pacs.org.br)).

### **Pedalandando contra a dívida**

O australiano Paul Harter vem percorrendo o mundo para denunciar a ilegalidade das dívidas externas contraídas pelos países do Terceiro Mundo. Montado em sua bicicleta, ele já pedalou 47 mil quilômetros, visitando países da Ásia, África e América do Sul. Paul esteve no Rio de Janeiro no dia 21 de maio, onde visitou o PACS e conversou com a população na Cinelândia.

### **Nova secretaria do FCP**

A partir do dia 1o de agosto a Secretaria Executiva do FCP/RJ (Fórum de Cooperativismo Popular do Rio de Janeiro), até então com o CEDAC (Centro de Ação Comunitária), passa a ser exercida pela Capina (Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa). Mais informações com Josinaldo Aleixo no fone: 2220-4580

### **Hino de alerta**

(Cláudio Guerra)

Viram no Rio Grande as margens sujas  
 Por um povo desinformado muito errante  
 Sob o Sol da sociedade em caos profundo  
 Poluímos nossa água nesse instante  
 Se até o Senhor dessa desigualdade  
 Permitimos que nos conquistasse com braços forte  
 Em teus pés ó triste morte  
 Deixamos nossa água a própria sorte  
 Ó água amada  
 Indispensável  
 Salvem! Salvem!  
 Brasil: território imenso de águas sujas  
 Da nascente pura o rio seca  
 E em tua superfície abarrotada de lixo  
 A imagem da poluição se reflete  
 Gigante pela própria natureza  
 O mar é belo, é forte, mas está cheio de esgoto  
 Em teu futuro espero uma limpeza  
 Ó água rara, dentre outras mil és tu Brasil ó pátria cega  
 Que não conservas teu manancial sem fim  
 Desculpe-nos  
 Água amada do Brasil

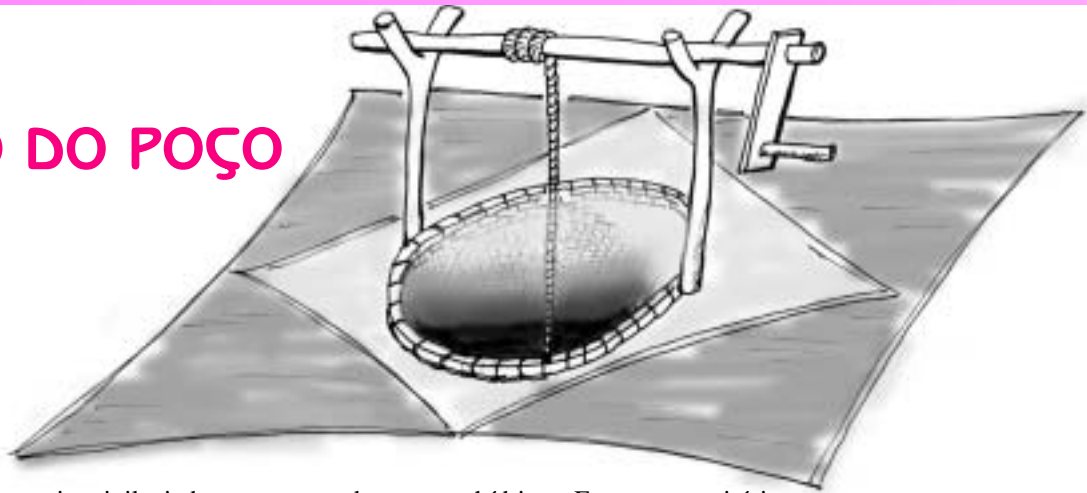
\* Cláudia Guerra foi o vencedor na categoria Poesia do IX Festival de Música e Poesia 1o de Maio, que este ano teve como tema "Qual o valor da água". O festival foi realizado na Cooperativa Habitacional Mista Shangri-lá, em Jacarepaguá.

### **HORA CERTA**

- O Museu da República recebe a Feira de Economia Solidária do FCP-Fórum de Cooperativismo Popular, no dias 6, 7 e 8 de agosto. Mais informações: 2220 4580 (Capina) e 2210 2124 (PACS).
- O I Encontro Estadual de Empreendimentos de Economia Solidária do Rio de Janeiro acontece no dia 30 de julho, no CEFET (Rua General Canabarro, 485 – Maracanã). Mais informações: 2220 4580 (Capina) e 2210 2124 (PACS)
- Nos dias 13, 14 e 15 de agosto, será realizado em Brasília o I Encontro Nacional de Empreendimentos de Economia Solidária. Informações: 2220 4580 (Capina) e 2210 2124 (PACS).
- Estão abertas as inscrições para o Encontro Nacional da Rede de Trocas Solidárias, que acontece em setembro, em Mendes-RJ. Informações: 2210 2124 (PACS).

## NO FUNDO DO POÇO

Mabel de Faria Melo\*



O Brasil é um dos países mais privilegiados em termos de recursos hídricos. Em nosso território concentra-se cerca de 12% de toda a água doce do mundo. Apesar de ser distribuída de forma desigual, muitos de nós sempre trataram a água como recurso infinito. Esta realidade fez com que só recentemente nos engajássemos no embate mundial pelo controle público da água.

Num cenário de escassez cada vez maior, onde 31 países no mundo enfrentam crises de abastecimento de água, onde mais de três milhões de pessoas vivem sem saneamento básico e 18% da humanidade não têm acesso à água limpa, as empresas transnacionais da água com o apoio do Banco Mundial, do FMI, da OMC e da ONU querem mercantilizar este recurso para aumentar seus lucros, controlando seu acesso e sua distribuição.

Ao contrário do discurso de que o controle privado seria a solução para o uso sustentável da água, os casos de privatização do abastecimento provaram ser um fracasso em diferentes países. Os preços das tarifas costumam se elevar em até 500%, excluindo parcelas cada vez maiores do acesso à água de qualidade. Isso pode ser observado não só nos países em desenvolvimento, como África, Argentina, Bolívia, mas também em países desenvolvidos como Inglaterra e Espanha.

O fato é que sem o apoio ou conhecimento dos cidadãos, preocupantes iniciativas locais e regionais têm retirado a gestão da água e do saneamento do controle público. No Brasil, foi realizado em 2000 o leilão da Manaus Saneamento, subsidiária da Companhia de Saneamento do Amazonas – COSAMA, que representa 96% da água tratada do estado. Quem arrematou a Manaus Saneamento foi a multinacional Suez-Lyonnaise des Eux, que contou com 50% de recursos públicos para fechar o negócio.

Atualmente, a guerra pela água expandiu-se do controle da distribuição para o controle da captação, principalmente das águas subterrâneas, pois com a super-exploração dos rios e lagos a principal reserva de água doce encontra-se nos aquíferos. Estima-se que ¼ da população mundial dependa atualmente de lençóis freáticos para obter água para beber e produzir. Só para se ter uma idéia da importância dessas fontes, grande parte dos países asiáticos, incluindo os mais populosos como China e Índia, retiram algo em torno de 50% a 100% de seus suprimentos de água dos aquíferos. Alguns países como Dinamarca e Holanda são completamente dependentes dessa fonte.

Apesar disso, poucos países administram os aquíferos de forma eficiente e responsável. A exploração dessas águas é acelerada e descontrolada, gerando comprometimento do nível freático de vários aquíferos, que também estão sendo cada vez mais contaminados pela poluição dos lixões, fossas sépticas e resíduos industriais.

Sob o território dos quatro países do Mercosul situa-se o Aquífero Guarani, a maior reserva de água doce transfronteiriça subterrânea do mundo. Este Aquífero, que se distribui em 70% no solo brasileiro, 19% no solo argentino, 6% no Paraguai e 5% no Uruguai, vem sendo ocupado militarmente e economicamente pelas grandes potências.

Em 22 de maio de 2003 o Banco Mundial e os países do Mercosul assinaram um acordo no valor de 27 milhões de dólares para um projeto denominado de “proteção ambiental e desenvolvimento sustentável do Aquífero Guarani”, do qual participam o governo da Holanda, a Agência Internacional de Energia Atômica e a OEA. Analistas afirmam que por trás desta justificativa técnica as instituições internacionais firmaram um acordo de exploração e controle do Aquífero, com o propósito de moldar as legislações nacionais dos países sul-americanos para que facilitem programas de investimento privado sobre um recurso estratégico para o consumo direto da população e para as atividades econômicas.

L. Reynoso, em artigo recente publicado pela Rede Água, nos afirma que o controle político militar do Aquífero permitiria aos EUA não só controlar uma imensa capacidade energética efetiva (águas termais), como também deixaria o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai numa grave situação de dependência energética, pois o Aquífero Guarani reúne os dois componentes fundamentais para a produção: água e energia. Ou seja, quem controlar esta reserva subterrânea, possuirá uma imensa capacidade de negociação internacional pelo poder de prover imensos volumes de água para consumo e produção aos países necessitados.

Como contraponto a esta espoliação de nossas riquezas e soberania devemos reforçar a mobilização dos povos do Mercosul para garantir que os recursos do Aquífero sirvam a um projeto de desenvolvimento próprio e em benefício de seu povo. ☺

Assessora de relações Internacionais - FASE



## Avanços da Socioeconomia Solidária no Brasil

A Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária – RBSES lançou, em Guarapari/ES, seu “grito amargo e sofrido. Grito também “decidido e profundo: como um último aviso de vigência da moratória da esperança”.

Entre os dias 30 de maio e seis de junho, cerca de 130 pessoas de 13 estados brasileiros e companheir@s de alguns países (Chile, Espanha, França e México) estiveram junt@s reafirmando a “firme resolução de seguir no caminho tomado, especialmente após o balanço dos progressos e avanços que temos tido enquanto Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária e enquanto movimento de Economia Solidária no Brasil e no mundo”.

O ambiente do Encontro foi envolvente, pois combinou o trabalho de reflexão e intercâmbio de experiências com momentos de celebração, lazer e convivialidade. Foram aprovadas novas vias de organização, que darão maior dinâmica à construção coletiva a partir dos estados e municípios, e aos grupos de trabalho temáticos.

Vale a pena apresentar algumas das conclusões acordadas pelos participantes do Encontro: Desenvolvimento autogestionário dos empreendimentos e das comunidades locais; consumo ético e solidário; produção autogestionária, solidária e ecossustentável; comércio ético, justo e solidário; finanças solidárias; trocas usando moedas comunitárias; partilha do conhecimento e da tecnologia; educação e cultura cooperativas; comunicação em diálogo; construção de cadeias produtivas em que cada empresa está organicamente articulada com as outras por laços solidários; espalhar pelo país redes de colaboração solidária entre diferentes atores e setores da sociedade; diálogo e colaboração com áreas de governo sem perda da autonomia; envolvimento ativo na construção do movimento nacional e internacional pela economia solidária.

O II Encontro lançou dois documentos importantes: a Carta de Princípios da RBSES (ver encarte) e a Carta de Guarapari. Na carta do encontro, a RBSES convoca a “população brasileira a mobilizar-se na defesa da economia solidária como projeto de desenvolvimento socioeconômico para o Brasil, bem como para o consumo cotidiano dos produtos e serviços da economia solidária, fortalecendo as redes locais que integram produtores do campo e da cidade e organizações de comércio, consumo e finanças solidárias”. A carta conclama ainda os membros da rede a participarem ativamente das campanhas pelo plebiscito oficial sobre a Área de Livre Comércio das Américas – ALCA e pela auditoria pública das dívidas financeiras.

A promoção e a produção do Encontro foram feitas pela própria RBSES e por algumas de suas representações estaduais (Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais), cujo grupo executivo convém apresentar: Centro de Direitos Humanos/ES, Caritas da Diocese do Espírito Santo, Pacs/RJ, Cedac/RJ, Fase Nacional, Fase Pará, Instituto Palmas/CE, Caeps/RS, Movimento do Graal do Brasil, entre outros.

Em Guarapari, ao apresentar a prestação de contas parcial do II Encontro (praxe dos eventos da RBSES), a Rede agradeceu o apoio financeiro das seguintes entidades e instituições: Fundação Banco do Brasil, Secretaria de Economia Solidária/MTE, Cese/BA, Ceris/RJ, Fundo Saap/Fase, Pólo de Socioeconomia Solidária, Embaixada da França no Brasil, Fase Nacional, Fase Pará, Instituto Marista/MG, PACS/RJ, Cedac/RJ etc

Para saber mais sobre a Rede Brasileira e informar-se sobre como participar desta empreitada, indicamos o sítio da rede: [www.redesolidaria.com.br](http://www.redesolidaria.com.br).



Publicação trimestral do Pacs – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

**Apoio:** Christian Aid, Trocaire e Ação Quaresmal

**Coordenação-Geral:** Marcos Arruda

**Coordenação de Programas:** Sandra Quintela

**Conselho Editorial:** Alain Simon, Hermila Figueirêdo, Lycia Ribeiro, Jussara Oliveira, Kátia Aguiar, Robson Patrocínio, Renata Lins, Ruth Espínola Soriano de Souza Nunes e Terezinha Pimenta

**Distribuição:** Gustavo Jorge Vaccihi e Leilane Brito

**Sugestões, críticas ou pedidos de exemplares? Fale conosco, teremos muito prazer em responder:**

Av. Rio Branco, 277 - 16º andar - sala 1609  
Centro • Rio de Janeiro • RJ • CEP 20.040-009

**Tel/Fax:** (21) 2210-2124

[www.pacs.org.br](http://www.pacs.org.br) - [pacs@pacs.org.br](mailto:pacs@pacs.org.br)

**Utilidade Pública Federal** - Port. nº 2.476,  
de 17/12/2003 - D.O.U. de 18/12/2003

**Conselho Municipal de Assistência Social** -  
inscrição nº 620 - D.O.M. de 28/10/2003

**Edição:** Lycia Ribeiro MTB-899/04/105CE

**Projeto gráfico e diagramação:** Rogério Nascimento

**Impressão:** Grafthaly

**Tiragem:** 2.500 exemplares